

UM OLHAR OUTRO

Mesmo correndo o risco de tudo o que escrever deixar de ter sentido ou oportunidade no dia seguinte – escrevo a 11 de Março – eis-me a «olhar» para onde todos, pelo mundo fora, também olham. E olhamos para algo que não vemos, ou que, só os «especialistas», ao alcance de quem estão alguns meios técnicos, podem ver ou avaliar na sua dimensão mais objectiva: o coronavírus.

Olhares mais cuidadosos vão alertando para outro risco, que me parece bem real, o do alarmismo injustificadamente paralisante. Sim, a esperança de uma solução nunca pode morrer, até porque ela se torna o motor da investigação, aliada àquela faceta muito humana e digna de altruísmo, que procura o bem de todos como a mais nobre causa, que justifica esforços, renúncias, ousadias e um certo «sacerdócio» como doação às causas ditas humanitárias.

Penso que já ninguém duvidará de que «a coisa é séria». Mas não se pode paralisar a vida pois esta exigirá sempre a dedicação e até o risco de muitos.

Dada a rapidez da propagação – sem esquecermos que muito já foi conseguido, particularmente onde ele se iniciou e avançou mais depressa – as medidas restritivas tomadas até aqui podem revelar-se insuficientes ou exageradas. Manda a prudência que é preferível exagerar no cuidado. Mas ninguém é detentor da medida exacta que se impõe a cada momento. Esta é a razão pela qual, neste preciso momento, hesito em tomar qualquer decisão, eu que sou chamado apenas a gerir o que à minha paróquia diz respeito. Procurarei estar atento mas acautelar exageros sem fundamento. Mas sempre escutando as autoridades de saúde e o que os nossos bispos vão dizendo.

A vida não pode parar, ainda que se suspendam temporariamente aulas nas escolas, actividades programadas e celebrações da fé do povo de Deus. Porque não ver nesta situação um desafio à criatividade? Não precisamos nós de sair de rotinas, pessoais ou colectivas, para «irmos ao essencial», como se propõe ao longo da Quaresma? Quem sabe se não nos daremos conta, por um lado, da precariedade da vida, nós que a gerimos demasiado a correr e de nos julgamos dela senhores e, por outro, da necessidade de criarmos novos espaços de liberdade que permitam novas formas de celebrar a fé cristã, que não pode estar dependente de rituais externos e colectivos. Necessários sim, mas não a tal ponto de, sem eles, nos sentirmos vazios e «órfãos». Não é, afinal, no Senhor que pomos a nossa confiança? E pelo facto de cuidarmos novas formas de saudação, mais afastadas fisicamente, diminuirá a consideração que temos pelas pessoas concretas que, agora, não beijamos? Até a omissão do abraço da paz nos faz sentir a sua dispensabilidade sem que o desejo de que o nosso irmão ao lado sinta a «paz do Senhor» porque «habitado por Deus», que o entusiasmo e faz sentir a plenitude do ser, o Shalom.

Considero e aprecio a cautela com que os responsáveis, a todos os níveis, se pronunciam: também eles humildemente reconhecem que não dominam o assunto nem podem prever a sua evolução. Não posso, porém, tolerar as atitudes que conscientemente põem em risco os outros, quando diante de uma informação fundamentada. Mais que ser caridoso é preciso ser justo: ninguém tem o direito de pôr em risco a vida dos outros. No que diz respeito às celebrações e encontros dos crentes, compreendo as medidas anunciadas, que têm sempre como ponto de partida o respeito pelas autoridades sanitárias e a confiança de que gerem bem os dados objectivos de que dispõem. No entanto, parece-me que o discernimento das situações concretas e localizadas se impõe.

A missa diária, que abrange um número restrito de pessoas, vai continuar a celebrar-se, mas só às 19.00 na Igreja Matriz, transmitida via facebook. Da parte dos fiéis espera-se que cuidem do seu próprio «isolamento social» para não porem em risco a sua saúde nem a dos outros. É o seu primeiro dever, como cristão responsável.

Acautelar-se do vírus, em privado ou em público, não impede de rezar nem de cuidar dos irmãos. Oxalá este desafio sanitário nos «leve ao essencial» e nos ponha em causa quanto às nossas maneiras tradicionais de exprimir a fé. No «voltar à casa», mesmo que por exigência ou imposição externa, será um desafio para que pais e filhos voltem a estar mais tempo juntos, a brincar e... a rezar. Não será tempo de os pais se darem conta do seu dever primeiro de transmitir a fé?

O Prior – P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 1000 ex.

A fé em Deus nos faz crer
no incrível, ver o invisível
e realizar o impossível.

QUEM QUER SER «SINAL DE CONTRADIÇÃO»?

1. Ser cristão é «deixar de ser» para «passar a ser»: é deixar de ser (apenas) ele para ser Cristo nele (cf. Gál 2, 20). Assim sendo, o cristão há-de procurar ser uma espécie de «reprodutor» de Cristo: como Ele foi, assim nós devemos ser (cf. Jo 13, 15). Esta disponibilidade tem de ser por inteiro. Não pode ser fatiada, às parcelas. Um Cristianismo selectivo não é um Cristianismo vivo. E, nessa medida, estará sempre longe de ser convincente. Os cristãos de outrora – e, como eles, muitos cristãos de agora – compreenderam que, amando o mundo, Cristo entrou, frequentemente, em contradição com ele. Aliás, isso já fora vaticinado por Simeão quando Jesus ainda era Menino. Ele iria ser no mundo «sinal de contradição» (cf. Lc 2, 34). Mais. Era precisamente esse «sinal de contradição» que viria a fazer d'Ele a «luz das nações» (cf. Lc 2, 32). Tenhamos presente que, segundo um dos relatos da criação, a luz é o maior contraste frente às trevas primordiais (cf. Gên 1, 2-3). Sem essa luminosa contradição, o mundo não deixaria de ser uma mórbida obscuridade. Por aqui se vê como ser cristão é também – e essencialmente – reproduzir a contradição de Cristo em relação ao mundo. Estranho seria que os cristãos incorporassem a situação do mundo e se posicionassem em contradição para com Cristo. A estranheza atingiria proporções insustentáveis quando praticamente ninguém se revê no que se passa no mundo. Se não nos revemos no mundo, porque é que, tantas vezes, cedemos à tentação de absorver o mundo em vez de participar na transformação do mundo? A resposta é simples. Porque queremos eximir-nos aos incómodos provocados pela contradição. Nada fazer poucos problemas traz. Permite-nos sobreviver sem grandes contratempos. Mas, como pergunta Edgar Morin, «será que sobreviver é viver?» Há que perceber que viver Cristo implica viver o Seu ser «sinal de contradição». Dai que, embora nem todos acabemos martirizados, a Igreja seja por natureza «Igreja do martírio». Jesus pagou com a vida o Seu ser «sinal de contradição». A muitos dos Seus discípulos de todas as idades aconteceu o mesmo. Basta pensar no caso – não muito conhecido – do Bispo Potino de Lyon (século II). Com mais de 90 anos e já muito doente, foi brutalmente espancado e morto por se manter fiel a Cristo. Também hoje e como alerta Josef Zvefina, não podemos «ser um sinal qualquer». Só é verdadeiramente cristão quem se dispuser a ser «sinal de contradição». Pois só nesse sinal encontrará o mundo a paz e a salvação!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 10.03.2020

BODAS DE OURO

Celebram hoje, dia 15, as suas bodas de ouro de casamento **Virgílio da Costa Saraiva e Maria Luísa Fonseca Falcão**. O casamento foi celebrado na Igreja de Manhente no dia 15 de Março de 1970. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS



Ano XVI - Nº 11 - 15 de Março de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Água viva – Quem não a deseja?

Foi ao meio-dia, naquele poço de Jacob. O diálogo aconteceu entre alguém que tem sede e alguém que pode dar água porque tem balde para a tirar. Quem tem o balde parece não precisar da «água viva». Contenta-se com o lamento da sede, como outrora os israelitas no caminho de libertação, a queixar-se a Moisés contra Deus. Mas Deus respondeu e surpreendeu na resposta, apesar de bem cedo a esquecerem. Longe daquela mulher samaritana pensar no «trambolhão» que lhe estava a acontecer, que lhe mudaria a vida para sempre. Num diálogo delicado mas carregado de verdade eis que Jesus a leva a encontrar-se consigo própria, com o seu passado, que gostava de ignorar, certamente com vergonha dos seus actos. Ela apenas deixa que Jesus faça luz sobre o seu passado, gerando o desejo de se reabilitar, de avançar para a «água viva». Era o Messias que, ali mesmo, a convidava a segui-lo na adoração verdadeira que agrada a Deus.

COVID 19 – De praga a bênção

Face ao estado de alerta vivido no nosso país, devido ao CoronaVírus, e seguindo orientações da Conferência Episcopal e do nosso Arcebispo, ponderada e ajustada à nossa realidade paroquial e cidadina, informa-se que, para a semana que agora se inicia e incluindo este domingo (15) e o próximo (22):

1. As igrejas da cidade manter-se-ão abertas para a oração em privado, dentro dos horários costumados.

2. A missa diária acontecerá apenas na Igreja Matriz, que habitualmente é frequentada à semana por apenas 15/20 pessoas, no amplo espaço da nave central, às 11.00 dos domingos e às 19.00 à semana e será transmitida via facebook. Assim, todos poderão estar em sintonia diária com a Igreja Matriz: basta sintonizar <https://www.facebook.com/paroquiadebarcelos/>.

3. Ficam, de imediato, suspensas todas as actividades programadas para os próximos dias, tais como: Catequese de adultos, confirmandos, Lectio Divina, Lausperene e missa da solenidade de S. José, Confissões, Via Sacra, Festa do Perdão, visitas aos doentes, reuniões e outras actividades dos diversos grupos (escuteiros, catequese, CPM, CESM...).

4. Muitas destas serão reagendadas no período pascal, se as condições evoluírem favoravelmente, como esperamos.

5. Pede-se a todos um empenho especial em viver a Quaresma e Páscoa em família, a fim de transformar uma «praga» em «bênção» ou seja, acolhendo o desafio de encontrarmos novas formas de nos mantermos fiéis a Jesus Cristo. Sugere-se seguir a programação religiosa pelos media. De modo especial: <https://redemundialdeoracaodopapa.pt/> e <https://clicktopray.org/> https://www.snpcultura.org/celebrar_o_domingo_em_familia.html. Aos membros do Conselho Pastoral pede-se, de modo especial, uma atenção redobrada para se dar resposta à pergunta, sempre presente: como testemunhar Jesus em Barcelos, nesta modernidade e nesta excepcionalidade, fazendo evoluir rituais e tradições?



A homenagem a S. José também se faz pelo cuidado das suas imagens. A bela imagem na Igreja Matriz foi restaurada (1000 euros) a expensas de uma devota. Igual atitude esperamos para outras imagens. Pela imagem abaixo avaliamos o estado de degradação em que ela se encontrava.



**Senhor Jesus,
Salvador do mundo, esperança
que não conhece a desilusão,
tem piedade de nós
e livra-nos do mal!
A Ti imploramos
a vitória sobre o flagelo deste vírus
que está a alastrar,
a cura dos doentes,
a proteção dos que estão sãos,
o auxílio para quem presta
cuidados de saúde.
Mostra-nos o Teu Rosto de Misericórdia
e salva-nos com o Teu grande amor.
Tudo isto te pedimos
por intercessão de Maria,
Tua e nossa Mãe,
que fielmente nos acompanha!
Tu que vives e reinas
pelos séculos dos séculos. Amém!**

D. Bruno Forte

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
III DOMINGO DA QUARESMA

**Se hoje ouvirdes a voz do Senhor,
 não fecheis os vossos corações**

Segunda, 16 – Leituras: 2 Reis 5, 1-15a
 Lc 4, 24-30

Terça, 17 – Leituras: Dan 3, 25. 34-43
 Mt 18, 21-35

Quarta, 18 – Leituras: Deut 4, 1. 5-9
 Mt 5, 17-19

Quinta, 19 – **S. José, esposo da
 Virgem Santa Maria**
 Leituras: 2 Sam 7, 4-5a. 12-14a. 16
 Rom 4, 13. 16-18. 22.
 Mt 1, 16. 18-21. 24a

Sexta, 20 – Leituras: Os 14, 2-10
 Mc 12, 28b-34

Sábado, 21 – Leituras: Os 6, 1-6
 Lc 18, 9-14

DOMINGO, 22 – **IV DA QUARESMA**
 Leituras: 1 Sam 16, 1b. 6-7. 10-13a
 Ef 5, 8-14
 Jo 9, 1-41

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 16 – Agostinho Pereira Duarte

Terça, 17 – Isaltina Peres Filipe Barroso, irmão Manuel Augusto e mãe Isaurinha

Quarta, 18 – Maria da Conceição Lopes Pereira

Quinta, 19 – *Intenções colectivas:*

- Jorge Martins da Silva Correia
- Licínio Pereira Ribeiro (aniv. nascimento)
- João Domingues da Silva Relho (aniv.)
- Teresa Ferraz, marido e filhos
- José Costa Lima (7º dia)

Sexta, 20 – Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho

Sábado, 21 – *Intenções colectivas:*

- José Miranda da Silva
- Maria Amélia da Silva (16º aniv.), marido Manuel Pereira Monteiro e família
- Fernando Araújo Pinto, Maria da Paz e Fernandinha
- Maria Rosalina Lopes Coelho e filhos João Manuel e Domingos
- Maria Fernanda Lopes Martins
- José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luís

Domingo, 22 – 11.00 – Missa pelo povo
 19.00 – Pelos Benfeitores da Paróquia

**NO «DESERTO» DA QUARESMA, FECHA A TELEVISÃO E ABRE A BÍBLIA,
 DESLIGA O TELEMÓVEL E LIGA O EVANGELHO**

Iniciamos hoje o caminho quaresmal, caminho de quarenta dias para a Páscoa, para o coração do ano litúrgico e da fé. É um caminho que segue o de Jesus, que nos inícios do seu ministério se retirou durante quarenta dias em oração e jejum, tentado pelo diabo, no deserto. É precisamente do significado espiritual do deserto que gostaria de falar-vos hoje. (...)

Imaginemos estar num deserto: A primeira sensação seria a de nos encontrarmos envolvidos por um grande silêncio: nenhum rumor, à exceção do vento e da nossa respiração. Pois bem, o deserto é o lugar do afastamento da balbúrdia que nos rodeia.

[O deserto] é ausência de palavras para dar espaço a uma outra Palavra, a Palavra de Deus, que como brisa ligeira nos acaricia o coração. O deserto é o lugar da Palavra, com maiúscula.

Na Bíblia, com efeito, o Senhor gosta de falar-nos no deserto. No deserto entrega a Moisés as "dez palavras", os dez mandamentos. E quando o povo se afasta dele, tornando-se como uma esposa infiel, Deus diz: «Eis que a conduzirei ao deserto e falarei ao seu coração. Ali me responderá, como nos dias da sua juventude» (...). Seguimos mil coisas que parecem necessárias, e na realidade não o são. Quanto nos faria bem libertarmo-nos de tantas realidades supérfluas, para redescobrir aquilo que conta, para reencontrar os rostos de quem está ao nosso lado.

No deserto reencontramos a intimidade com Deus, o amor do Senhor. Jesus gostava de retirar-se diariamente para lugares desertos para orar. Ensinou-nos como procurar o Pai, que nos fala no silêncio. (...)

A Quaresma é o tempo propício para dar espaço à Palavra de Deus. É o tempo para apagar a televisão e abrir a Bíblia. É o tempo para nos desprendermos do telemóvel e ligarmo-nos ao Evangelho. (...) É o tempo para renunciar a palavras inúteis, tagarelice, boatos, mexericos, e dizer "Tu" ao Senhor. É o tempo para dedicar-se a uma sã ecologia do coração. Fazer uma limpeza. Vivemos num ambiente envenenado por demasiada violência verbal, por muitas palavras ofensivas e nocivas, que a internet amplifica (...). Estamos submersos em palavras vazias, de publicidade, de mensagens enganadoras. Estamos habituados a ouvir de tudo sobre todos, e arriscamo-nos a deslizar para uma mundanidade que atrofia o coração (...).

É-nos difícil distinguir a voz do Senhor que nos fala, a voz da cons-

ciência, do bem. Jesus, chamando-nos ao deserto, convida-nos a prestar atenção àquilo que conta (...).

Com a voz do profeta Isaías, Deus fez esta promessa: «Eis que Eu faço uma coisa nova, abrirei no deserto um caminho». No deserto abre-se o caminho que nos conduz da morte à vida

Ao diabo que o tentava, responde: «Não só de pão viverá o homem, mas de cada palavra que sai da boca de Deus». Como o pão, mais do que o pão, é-nos precisa a Palavra de Deus, precisamos de falar com Deus: precisamos de orar. Porque só diante de Deus vêm à luz as inclinações do coração e caem as duplicidades da alma.

Eis o deserto, lugar de vida, não de morte, porque dialogar no silêncio com o Senhor volta a dar-nos vida.

Experimentemos de novo pensar num deserto. O deserto é o lugar do essencial, como já foi dito. Olhemos para as nossas vidas: quantas coisas inúteis nos rodeiam. Seguimos mil coisas que parecem necessárias, e na realidade não o são. Quanto nos faria bem libertarmo-nos de tantas realidades supérfluas, para redescobrir aquilo que conta, para reencontrar os rostos de quem está ao nosso lado. Também sobre isto Jesus dá-nos o exemplo, jejuando. Jejuar é saber renunciar às coisas vãs, ao supérfluo, para ir ao essencial. (...) É procurar a beleza de uma vida mais simples.

O deserto, por fim, é o lugar da solidão. Também hoje, próximo de nós, há muitos desertos. (...) São as pessoas sós e abandonadas. Quantos pobres e idosos estão perto de nós e vivem no silêncio, sem fazer clamor, marginalizados e descartados. Falar deles não dá audiências. Mas o deserto conduz-nos a eles, a quantos, mandados calar, pedem em silêncio a nossa ajuda. (...) O caminho no deserto quaresmal é um caminho de caridade para quem está mais fraco. Oração, jejum, obras de misericórdia: eis o caminho no deserto quaresmal. Queridos irmãos e irmãs, com a voz do profeta Isaías, Deus fez esta promessa: «Eis que Eu faço uma coisa nova, abrirei no deserto um caminho». No deserto abre-se o caminho que nos conduz da morte à vida.

Entremos no deserto com Jesus, dele sairemos saboreando a Páscoa, o poder do amor de Deus que renova a vida. Acontecerá a nós como naqueles desertos que na primavera florescem, fazendo germinar inesperadamente, "do nada", rebentos e plantas. Coragem, sigamos Jesus no deserto: com Ele, os nossos desertos florirão.

Papa Francisco, Audiência geral, 26.2.2020, Vaticano

ORIENTAÇÕES PASTORAIS DO SENHOR ARCEBISPO

1. Suspensão das celebrações comunitárias

Esta manhã, a Conferência Episcopal Portuguesa, auscultando todos os bispos diocesanos, determinou a "suspensão da celebração comunitária da Santa Missa até ser superada a actual situação de emergência". Neste sentido, confirmo, para todo o território da Arquidiocese de Braga, esta determinação, com efeitos imediatos.

Os sacerdotes continuarão a celebrar diariamente a eucaristia, rezando por todo o Povo de Deus, mas sem a presença dos fiéis leigos.

2. Casamentos, baptizados, funerais e orações comunitárias

As orações comunitárias, tais como a Via Sacra, Recitação do Rosário, bênçãos e lausperene, encontram-se igualmente suspensas.

Particular atenção deve ser dada aos matrimónios e baptizados. Sabemos que se trata de um momento especial e há muito desejado, mas as circunstâncias actuais exigem um novo modo de viver este dia tradicionalmente festivo. Perguntamo-nos se não será possível adiar para uma data mais conveniente. Não sendo possível, que sejam celebrados talvez sem a eucaristia, e que o número de presentes na celebração seja estritamente reduzido ao mínimo.

3. Funerais e vigílias pelos defuntos

No que diz respeito aos funerais, determina-se que o mesmo decorra segundo a modalidade "Celebração das Exéquias sem missa", presente no Ritual das Exéquias, adaptando-se, naturalmente, às circunstâncias do lugar e na presença das pessoas mais próximas ao defunto, evitando-se também quaisquer gestos afetuosos de proximidade, no cumprimento das regras de distanciamento social e etiqueta respiratória.

As Missas Exequiais podem ser celebradas após a superação desta fase crítica ou nas eucaristias que o sacerdote celebrará em particular, sempre sem a assistência de pessoas ou por um grupo muito restrito de familiares previamente validado pelo pároco.

4. Algumas sugestões para viver este tempo invulgar

4.1. Acompanhamento de celebrações: pode assistir, através da página de Facebook da Arquidiocese, à eucaristia celebrada na capela do Paço Episcopal de Segunda a Sábado às 18 horas e no Domingo às 11 horas. Aconselhamos, também, que se siga a eucaristia através dos diversos canais da televisão.

4.2. Leitura da Palavra de Deus: pode consultar a página do Secretariado Nacional da Pastoral da Liturgia para ler e meditar a Palavra de Deus diária.

4.3. Oração diária: as aplicações e serviços Click to Pray, Passo-a-rezar, Laboratório da fé e iBreviary estão disponíveis para ajudar a manter a oração pessoal e familiar.

Sugere-se também o acompanhamento da recitação do Rosário, diariamente às 18h30, na Rádio Renascença. (...)

Na esperança de que brevemente possamos alterar estas orientações, deixo a minha bênção e unidade a todos os sacerdotes e cristãos.

† Jorge Ortega, Arcebispo Primaz (3 Março, 18.30)

PROXIMIDADE dos que sofrem, pede o Papa

O papa Francisco rezou hoje, dia em que completa sete anos da eleição, pelos «doentes» e «famílias que sofrem» a pandemia do Covid-19, tendoorado igualmente pelo clero, para que tenha a coragem de continuar próximo das pessoas, apesar das restrições impostas pelas autoridades.

«As medidas drásticas nem sempre são boas. Por isso, rezemos para que o Espírito Santo dê aos pastores a capacidade de discernimento pastoral, a fim de que providenciem medidas que não deixem sozinho o santo povo fiel de Deus. Que o povo de Deus se sinta acompanhado pelos pastores, e pelo conforto da Palavra de Deus, dos sacramentos e da oração», afirmou.

13 de Março, no 7º aniversário do pontificado

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
 PARA A QUARESMA 2020**

(a publicar por partes)

«Em nome de Cristo, suplicamo-vos:
 reconciliai-vos com Deus»

(2 Cor 5, 20)

3. A vontade apaixonada que Deus tem de dialogar com os seus filhos

Não devemos jamais dar por descontado o facto de o Senhor nos proporcionar uma vez mais um tempo favorável para a nossa conversão. Esta nova oportunidade deveria suscitar em nós um sentido de gratidão e sacudir-nos do nosso torpor. Não obstante a presença do mal, por vezes até dramática, tanto na nossa existência como na vida da Igreja e do mundo, este período que nos é oferecido para uma mudança de rumo manifesta a vontade tenaz de Deus de não interromper o diálogo de salvação connosco. Em Jesus crucificado, que Deus «fez pecado por nós» (2 Cor 5, 21), esta vontade chegou ao ponto de fazer recair sobre o seu Filho todos os nossos pecados, como se houvesse – segundo o Papa Bento XVI – um «virar-se de Deus contra Si próprio» (Encíclica Deus caritas est, 12). De facto, Deus ama também os seus inimigos (cf. Mt 5, 43-48).

O diálogo que Deus quer estabelecer com cada homem, por meio do Mistério pascal do seu Filho, não é como o diálogo atribuído aos habitantes de Atenas, que «não passavam o tempo noutra coisa senão a dizer ou a escutar as últimas novidades» (At17, 21). Este tipo de tagarelice, ditado por uma curiosidade vazia e superficial, caracteriza a mundanidade de todos os tempos e, hoje em dia, pode insinuar-se também num uso pervertido dos meios de comunicação.

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 348 – 20,00
- Família n.º 1303 – 40,00

TOTAL DA SEMANA – 60,00

A transportar: 20.898,95 euros
 Despesas até agora: 30.705.36 euros

PROCLAMAS DE CASAMENTO

Querem contrair Matrimónio:
ANTÓNIO FERNANDO MOREIRA BORGES, de 34 anos, filho de António do Carmo Borges e de Maria Fernanda de Oliveira Moreira, residente em Santo Tirso, com **MARIA ANTÓNIA SERRA FERNANDES DA SILVA**, de 32 anos, filha de António Augusto Fernandes da Silva e de Fernanda Maria Castro Serra da Silva, residente em Barcelos.

«Os fiéis são obrigados a manifestar ao pároco ou ao Ordinário do lugar, antes da celebração do matrimónio, os impedimentos de que, porventura, tenham conhecimento» (Cânone 1069).